

## MONUMENTO AOS HERÓIS DA BATALHA DO ROSARIO

A anexação do Uruguai ao Brasil, sob a denominação de província Cisplatina, foi a resultante mais grave da campanha de Montevideu, pois que teve a consequência de gerar repetidos conflitos nas regiões do sul, tantas vezes conflagradas. Os uruguaios estabeleceram quartéis em Buenos Aires, esperando uma oportunidade para renovar a luta, o que sucedeu em 1825, quando, a 19 de abril, João Antônio Lavalleja, à frente de 32 homens, rompeu as hostilidades, sendo apoiado pelas forças de Frutuoso Rivera. Lavalleja, depois de estabelecer o quartel-general em Durazno, atacou as forças brasileiras, ferindo-se o primeiro combate próximo do rio Negro, no local chamado Mercedes, sendo derrotado o general Jardim, que as comandava. A esta agressão respondeu Bento Manuel Ribeiro, marchando contra o caudilho espanhol, que encontrou acampado em Sarandi. Travado o combate (12 de outubro), quis ainda a má fortuna que a vitória coubesse a Lavalleja. Toda a região do Rio da Prata tornou-se um foco de lutas e de inquietações, que vieram culminar na batalha do Passo do Rosário, no ano de 1827. A fim de assumir o comando do Exército Brasileiro em operações no sul, foi nomeado, por decreto de 12 de setembro de 1826, o general Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena. No dia 1 de setembro de 1826, o general Carlos Maria de Alvear assumia o comando-chefe do Exército, formado de elementos combatentes da Argentina e da Província Oriental, no acampamento de Durazno. A 26 de dezembro do referido ano, era o nosso território invadido. Depois de ocupar Bagé, que foi saqueada, as forças invasoras seguiram para São Gabriel, onde acantonaram em 16 de fevereiro. No dia seguinte, a vanguarda do Exército de Barbacena alcança São Gabriel após a marcha iniciada a 16 de maio, em Santana do Livramento. O inimigo tomara rumo do Norte, porém, a 17 de fevereiro, Alvear é informado de que o Exército Brasileiro passara em São Gabriel, rumo a Santa Maria. Detendo-se um pouco no rincão formado pelo Cacequi e Santa Maria, na tarde de 18, delibe-

rou Alvear mudar de rumo, marchando para o Passo do Rosário. Ao amanhecer do dia 19, avistam-se os dois exércitos, tendo o de Alvear acampado nas proximidades do referido Passo e o de Barbacena, a duas léguas distante. Nas imediações demora o arroio de Ituzaingo. No dia 20, desde cedo, empenha-se a renhida ação, que ficou conhecida pela denominação de batalha de Ituzaingo. A questão dos efetivos empenhados na luta ofereceu campo para controvérsias e cálculos díspares, avaliando-se em 8.000 soldados argentinos e 6.000 brasileiros. A peleja foi áspera e demorada, repleta de atos corajosos, intrépida bravura e tenacidade em ambos os lados beligerantes. Durante seis horas a fio combateu-se obstinadamente, sem que o êxito pendesse de modo definitivo para um ou outro lado. Em geral, os ataques e as cargas do inimigo contra as divisões dos generais Calado e Sebastião Barreto foram vitoriosamente repellidos. Com verdadeira audácia, arrôjo e sangue frio pelejavam os nossos, nada tendo que invejar aos contrários. Lamentável incidente foi o pânico que se apoderou dos voluntários do general Abreu, barão do Serro Largo. Debandaram, ao receber uma formidável carga do inimigo, caindo ex-nime aquêle valente e esforçado chefe. O fogo ateadado aos campos pelos atiradores argentinos, quando recuavam, muito concorreu para dificultar a ação das nossas forças, principalmente na ala esquerda, onde operava a Segunda Divisão, sob o comando de Calado. Por fim, julgou o marquês de Barbacena não mais ser possível continuar o combate, sem grave risco, ordenando, por isso, a retirada geral das tropas. A fadiga, o incêndio que lavrava no campo, a iminência de ser envolvido por todos os lados pelo inimigo, a falta de munições, a inexistência de cavalaria ligeira para proteger os flancos exteriores foram os principais fatores que compeliram o general-chefe a tomar essa resolução. Efetuou-se a retirada pela estrada do Cacequi, à custa de muitos esforços, porém na maior ordem e perfeita serenidade. A perseguição do inimigo exerceu-se frouxamente, por falta de cavalos, segundo alega Alvear em seu Boletim. Ao anoitecer, as forças argentinas, em grande parte, haviam regressado ao Passo do Rosário, onde acamparam. O Exército Brasileiro, depois de transportar-se para a outra margem do Cacequi, fêz alto, a fim de repousar, a menos de oito léguas do campo de batalha. Tal foi, nas linhas essenciais, como o descreve o marechal J. Marques da Cunha, o famoso lance de guerra que ofereceu assunto para copiosos e controvertidos comentários. As sucessivas lutas que ocorreram no sul, quando conquistadores lusos e castelhanos disputavam de armas na mão, em torno de uma linha imaginária jámais definida no terreno, tiveram mais tarde um remate da mais alta expressão, pondo termo à guerra um ato de suprema equidade, como foi o reconhecimento da Independência do Uruguai por parte das nações interessadas — o Brasil e a Argentina.

\* \* \*

Por ocasião das comemorações do centenário da batalha de Ituzaingo ou Passo do Rosário, transcorrido a 20 de fevereiro de 1926, o



Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro aprovou a seguinte moção, que estava assinada pela sua diretoria e por grande número de sócios:

"O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao ocorrer o centenário da batalha de Ituzaingo ou do Passo do Rosário, reafirma o que sobre este acontecimento tem constante e comprovadamente afirmado, em publicações de sua "Revista" e em trabalhos dos seus presidentes, Barão do Rio Branco, Conde de Afonso Celso, e do seu secretário, dr. Max Fleiuss, a saber: — Essa batalha não foi desastrosa, de forma alguma, mas, ao contrário, honrosa para as armas brasileiras e para o general que ali as comandou, o Marquês de Barbacena, porquanto: 1.º) O Exército Brasileiro tomou a ofensiva contra o das Províncias Unidas do Rio da Prata, que lhe era muito superior em forças, dispondo de quase o duplo dos nossos combatentes e de maior número de canhões; 2.º) Além desta vantagem, tinha o Exército inimigo a de se achar descansado, em posição por ele escolhida, enquanto o brasileiro avançava em marcha forçada, caminhando desde 1 hora da madrugada, quando às 6 horas avistou o adversário e o atacou; 3.º) Depois de 6 horas de renhida peleja, sem resultado decisivo para nenhuma das partes, estando os dois exércitos parados nas posições primitivas, resolveu o nosso afastar-se por ter verificado a escassez de munições e por se haver incendiado o campo em torno dele; 4.º) Não foi coagido a isso pelo inimigo, mas fê-lo desembaraçado, lentamente, na melhor ordem, levando feridos e toda a artilharia, exceto uma peça encravada, cujas rodas se quebraram, impedindo a condução; 5.º) Acampou onde lhe aprouve, sem ser incomodado pelo inimigo, o qual nem um troféu lhe tomou e que, por seu turno, contramarchou no mesmo dia, indo acampar alhures e abandonando, pouco depois, o território brasileiro que invadira; 6.º) Trata-se, pois, de uma batalha de êxito indeciso, favorável em suas conseqüências ao Brasil e cuja recordação não nos entristece e, menos ainda, nos envergonha; 7.º) Cumpre-nos, assim, glorificar os nossos soldados e oficiais que nela briosamente cumpriram o seu dever, tal como em assinaladas vitórias na mesma guerra e nas outras subseqüentes; 8.º) Tal glorificação, entretanto, deve ser feita com espírito de confraternização continental, formulando votos e esforçando-nos todos para que os povos de origem comum, com idênticos interesses e ideais, nunca mais empenhem, uns contra outros, armas deveras fratricidas, porém, harmônica e solidamente cooperem para a paz e a civilização universais".

• • •

Comemorando, em fevereiro de 1926, o 99.º aniversário da batalha do Passo do Rosário, onde teve destacada atuação o Primeiro Regimento de Cavalaria, essa unidade organizou o seguinte programa para a solenidade da inauguração do monumento aos bravos daquela batalha, erigido em frente ao seu quartel, na avenida Pedro II: "As 4 horas e 30 minutos — Alvorada pelas bandas de música e pelos clarins. As 6 horas — Hasteamento da bandeira, com formatura geral. As 16 horas e 30 minutos — Formatura de um Esquadrão, Companhia ou Bateria, de cada corpo da guarnição, com suas bandas de música e clarins e respectivas bandeiras. Recepção das autoridades civis e mi-

litares e dos representantes das associações científicas e literárias. As 17 horas — Recepção ao sr. dr. Artur Bernardes, presidente da República. Leitura do Boletim do Comando do Regimento, alusivo ao ato. Discurso do sr. general Tasso Fragoso, chefe do Estado Maior do Exército, em nome do Regimento, entregando o monumento à cidade. Discurso do governador da cidade, sr. Alaor Prata, recebendo-o. Cerimônia religiosa, dirigida por D. Sebastião Leme, arcebispo coadjutor, e dois minutos de concentração espiritual pelos mortos gloriosos. Desfile das tropas em continência aos bravos do Primeiro Regimento de Cavalaria Divisionário, mortos em batalha".

As 16 horas do dia 20 de fevereiro de 1926, presentes no local do monumento os srs. comandante Moraes Rêgo, representante do sr. Artur Bernardes, presidente da República; Miguel Calmon, ministro da Agricultura; capitão Evaristo Marques da Silva, representantes dos ministros da Guerra, da Viação, da Justiça e da Fazenda; Alaor Prata, prefeito do Distrito Federal; Ramos Monteiro, ministro do Uruguai; representante do embaixador da República Argentina; adidos militares, oficiais de todas as patentes, representantes de associações científicas e literárias, da imprensa e várias pessoas gradas, foi iniciada a cerimônia. O major José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, comandante do Primeiro Regimento de Cavalaria Divisionário, pronunciou o discurso inaugural, em que, depois de justificar a ausência do general Tasso Fragoso, orador da solenidade, o qual adoeceu, passou a aludir aos acontecimentos históricos em torno da Batalha do Passo do Rosário, salientando o papel que nela tiveram as forças brasileiras; e concluiu entregando o monumento ao sr. Alaor Prata, prefeito da cidade, o qual auxiliou o levantamento do mesmo, dando a pedra e respectivo serviço de cantaria.

Recebendo o monumento, em nome da cidade, o prefeito Alaor Prata pronunciou um discurso, salientando a justiça e o sentido patriótico daquela iniciativa. Finda essa oração, o Primeiro Regimento de Cavalaria Divisionário desfilou pela avenida Pedro II, em continência ao monumento. Por fim, houve uma recepção nos salões da sede da unidade.

\* \* \*

O monumento aos heróis da batalha do Passo do Rosário foi ideado e projetado pelo então major José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, comandante interino daquele Regimento, e compõe-se de uma coluna de granito, com a forma de um canhão, em cuja boca assenta uma granada flamejante. Em torno do bloco, ao meio, numa faixa de bronze, atravessada de espadas, lê-se a seguinte inscrição: "Aos bravos do Primeiro Regimento de Cavalaria Divisionário, na Batalha do Passo do Rosário". Na altura da culatra do canhão, em um baixo-relevo, em bronze, figura violenta carga de cavalaria, sendo os cavaleiros representados com o uniforme histórico dos Dragões da Independência. Os trabalhos em bronze foram modelados e fundidos no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.